

Polonês e alemão em contato. Uma abordagem da aplicação do conceito de limite na análise linguística

Dagna Zinkhahn Rhobodes^a

Resumo

O objetivo deste artigo é fornecer uma visão sobre o contato linguístico alemão-polonês na região fronteira da Polônia e da Alemanha e propor uma abordagem para a ilustração e a explicação dos processos da abertura, da transgressão e dissolução dos limites linguísticos. Em seguida será elaborada e aplicada uma abordagem que integra a teoria da fronteira com a análise linguística e apresenta uma perspectiva interdisciplinar da análise dos aspectos gramaticais do contato entre os idiomas.

Palavras-chave: *Contato linguístico. Limite linguístico. Região fronteira Polônia/Alemanha.*

*Recebido em 03 de janeiro de 2017
Aceito em 02 de maio de 2017*

^aProfessora de Linguística da Europa University Viadrina. E-mail: dagna_wilniewczyc@wp.pl

1. Introdução

No presente artigo, eu gostaria de convidar o leitor para uma viagem à região fronteiriça da Polônia e da Alemanha, e mais especificamente às cidades fronteiriças Frankfurt/Oder e Ślubice, que são caracterizadas pelo contato entre idiomas além da fronteira política e que são consideradas como sendo os lugares mais importantes dos contatos polonês-alemães (KIMURA, 2013, p. 111). Por causa da cooperação transfronteiriça na área da educação, da cultura e da economia, as línguas polonesa e alemã entram aqui em contato nas mais variadas instituições – por exemplo na Universidade Europeia Viadrina com aproximadamente 10% de estudantes poloneses e com 75% de estudantes alemães – mas também em interações diárias entre a população. A língua polonesa e a alemã são assim usadas nos vários contextos sociais e institucionais, mostrando que o aumento da permeabilidade da fronteira política afeta também a fronteira linguística entre este par de línguas eslavo-germânicas.

O contato intenso entre línguas frequentemente leva à produção criativa e espontânea das formas mistas alemão-polonesas usadas na comunicação cotidiana. Do resultado da coexistência das línguas num repertório linguístico das pessoas bilíngues e da influência recíproca dessas línguas podem emergir novas formas linguísticas.

Esses fenômenos mostram que o uso da língua em contextos multilíngues oferece um espaço para a permeabilidade entre os sistemas linguísticos (CUNHA et al., 2012, p. 13). A partir dessa perspectiva, eu considero as formas da mescla das línguas, que se distinguem pela transmissão das características gramaticais e fonéticas de uma língua à outra, como o resultado da abertura e da transgressão dos limites linguísticos. Por limites linguísticos entendo a interface entre duas línguas, ou seja, o limite estrutural entre dois sistemas linguísticos, o qual frequentemente está foneticamente marcado como sendo um lugar da alternância de códigos. Se o contato entre as línguas for tão intenso, que leva à fusão das estruturas da morfossintaxe e das estruturas fonéticas e conseqüentemente à emergência das formas linguísticas com um caráter sincrético, ele até pode dar origem à dissolução dos limites linguísticos.

O assunto deste artigo é uma análise da fala misturada polonês-alemã estabelecida por estudantes poloneses na região fronteira entre Frankfurt/Oder e Słubice. Esta fala é designada por seus locutores *Viadrinisch* (baseado no nome da Universidade *Viadrina*) ou *Poltsch* (baseado no nome das línguas de contato: *Polski* (polonês) e *Deutsch* (alemão)).

O termo fundamental para a análise é *limite*. Por um lado, os dados do uso da língua polonesa e da alemã foram coletados na fronteira política entre a Polônia e a Alemanha. Por outro lado, também o caráter dos limites linguísticos analisados nos dados representa o objeto central da investigação.

Embora o termo do limite linguístico já seja considerado na pesquisa das línguas em contato (cf. “Sprachgrenzen überspringen”, HINNENKAMP e MENG, 2005; “crossing”, RAMPTON, 1995; “transgression”, AUDEHM e VELTEN, 2007; “sprachliches Grenzgängertum”, GOGOLIN, 1998), o conceito do limite linguístico e os processos da transgressão e dissolução foram usados até a presente data, na maior parte das vezes, de maneira metafórica. O caráter dos limites linguísticos e a sua transformação dinâmica durante os processos da transgressão e dissolução não foram objeto da análise sistemática.

Resumindo, o objetivo da pesquisa é a investigação da fala mista polonês-alemã, estabelecida e usada pelos estudantes da Universidade Europeia Viadrina em Frankfurt/Oder, a partir de uma perspectiva gramatical, acrescida da implementação do conceito da fronteira. Em seguida será elaborada e aplicada uma abordagem que integra a teoria da fronteira com a análise linguística e apresenta uma perspectiva interdisciplinar da análise dos aspectos gramaticais do contato entre os idiomas. O objetivo é mostrar os reconhecimentos surgidos desta abordagem interdisciplinar e fazer uma contribuição para a teoria da fronteira a partir da perspectiva linguística.

2. Três dimensões do limite

Em seguida serão apresentados três conceitos essenciais para a análise dos limites linguísticos – a durabilidade, a permeabilidade e a liminalidade.

Esses três conceitos estão baseados nas três dimensões elementares do limite, discutidas na literatura das ciências culturais, ou seja, a diferenciação, a transgressão e a

formação de zonas fronteiriças, fornecendo um fundamento terminológico para a análise dos dados apresentada no item 4.

2.1. Diferenciação

A primeira dimensão reflete a fronteira como sendo um instrumento de diferença e de separação. A fronteira é aqui principalmente entendida como sendo um meio da marcação e da diferença entre o “próprio” e o “alheio” ou entre os dois sistemas e ordens. Tal fronteira intransponível é então uma linha claramente marcada, que separa dois sistemas e que dificulta a passagem. Este tipo de fronteira, que pode ser visualmente descrito como sendo uma represa, é designado na literatura das ciências culturais “border/frontière” (JUNGBLUTH, 2012, p. 45). Girtler (2006) designa este tipo de fronteiras como “fronteiras do primeiro grau” e as define como sendo “as separações exatas entre a realidade e as pessoas”¹ (GIRTLER, 2006, p. 17). Segundo o autor, elas representam fronteiras rígidas e bem controladas, que agem como “barreiras reais” e fazem uma superação quase impossível. Como exemplos deste tipo de limite Girtler (2006) designa a antiga Cortina de Ferro ou os muros da prisão (GIRTLER, 2006, p. 17).

Assim a primeira dimensão das fronteiras ilustra a função da diferenciação. As fronteiras que atuam como as “linhas de demarcação” (“Demarkationslinien”, KLEINSCHMIDT, 2011, p. 9) separam e distinguem dois sistemas ou ordens governamentais, sociais, institucionais ou linguísticos. A função de separação das fronteiras é explicada por Weyand, Sebald e Popp (2006) como segue:

Fronteiras distinguem um interior de fora, um próprio de um alheio, algo possível do impossível. Neste sentido amplo, o termo da fronteira refere-se a uma separação, onde ambos os lados apenas têm a sua razão de ser através da sua relação recíproca. Não existe o próprio, sem o alheio, não há dentro sem fora. Fronteiras, no entanto, não só distinguem; elas marcam ou delimitam pelo menos um dos lados, separando-os, portanto. (WEYAND; SEBALD; POPP, 2006, p. 9, tradução nossa)²

Um exemplo paradigmático para um papel essencial do processo da diferenciação é a língua. No âmbito da linguística estrutural, Saussure (1967) enfatiza que a linguagem é um

¹ „exakte Trennungen von Wirklichkeit und Menschen“

² „Grenzen unterscheiden ein Innen von einem Außen, ein Eigenes von einem Fremden, ein Mögliches von einem Unmöglichem. In dieser weiten Bedeutung bezeichnet der Begriff Grenze eine Unterscheidung, deren beide Seiten nur durch Beziehung auf die je andere sinnhaft sind. Kein Eigenes ohne ein Fremdes, kein Innen ohne ein Außen. Grenzen unterscheiden indes nicht nur, sie markieren oder begrenzen wenigstens eine der beiden Seiten und trennen sie dadurch.“

sistema complexo de diferenciações. Cada elemento linguístico é relacionado com outros elementos linguísticos. Não há nenhum significado sem diferença (SAUSSURE, 1967, p. 140).

A partir de uma perspectiva sociológica, Durkheim (1981) também mostrou que as diferenciações e classificações sociais constituem um aspecto essencial da cultura. Segundo Durkheim (1981), Douglas (1985) enfatizou em seu trabalho etnológico o papel fundamental dos processos da diferenciação nas ordens sociais. Usando o exemplo do conceito de “pureza e contaminação”, a antropóloga descreve a importância dos sistemas de classificação em apresentações sobre as ordens sociais, que são vinculadas a uma determinada cultura. O termo da diferença também forma a base da abordagem de Bourdieu (1988) sobre a estrutura social da sociedade. O conceito do limite desempenha um papel importante no termo central de seu trabalho - o hábito (“habitus”) - que, de acordo com o autor, especifica um limite de percepção individual e o saber individual das pessoas de diferentes classes (BOURDIEU, 1992. p. 33).

2.2. Transgressão

No entanto, as fronteiras não são somente linhas rígidas que separam os sistemas ou as ordens. Elas também podem ser excedidas e cruzadas. As fronteiras podem ser consideradas, por conseguinte, não só como lugar de separação e distinção, mas também como um lugar de passagem. Tais limites permeáveis agem como um filtro, uma membrana ou uma soleira e permitem uma interação entre dois sistemas ou ordens vizinhas. Esse tipo da fronteira, que atua como um limiar e que permite a influência entre dois sistemas, é designado na literatura dos estudos culturais como “limite/boundary” (JUNGBLUTH, 2012, p. 45) ou como “fronteira de segundo grau” (GIRTLER, 2006, p. 22). Como exemplos para este tipo da fronteira, Girtler chama a porta da casa, entradas em eventos, tais como campos de futebol ou espaços de teatro (GIRTLER, 2006, p. 23).

Um limite permeável pode ser visualmente ilustrado como uma soleira. Então não é uma barreira intransponível, mas um lugar de abertura e de passagem. Aqui se

realizam o intercâmbio e a formação das relações entre os sistemas e ordens vizinhos:

Os limites culturais são, portanto, não só estruturas fixas que separam o dentro do fora ou o familiar do alheio, eles são permeáveis e passáveis e ainda mais, eles já incubam em si sua transgressão (Foucault). Limites separam, enquanto eles também simultaneamente podem conectar. Eles insistem nos critérios da pureza, da identificação, da diferença, mas eles também permitem mistura, contaminação e criolização. (AUDEHM/VELTEN, 2007, p. 10, tradução nossa)³

A constatação de que o limite já incubava em si a transgressão foi sublinhada em particular por Foucault ([1963] 2001) no seu “Prefácio à transgressão”. Foucault não considerou limites como linhas fixas de demarcação, mas apontou seu caráter dinâmico e fluido. De acordo com Foucault o limite e a transgressão são mutuamente dependentes:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço [...] O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser: um limite que absolutamente não poderia ser transposto, seria inexistente; em contrapartida uma transgressão seria inexistente, se rompesse apenas um limite ilusório, obscuro. (FOUCAULT, [1963] 2001, p. 324f, tradução nossa)

Como sublinhado por Audehm e Velten (2007), as transgressões dos limites permanecem raramente sem consequências. Os autores mostram que resultados as transgressões de limite podem ter deste ponto de vista linguístico, usando o exemplo da transgressão dos limites linguísticos no uso do idioma. Audehm e Velten consideram transgressão dos limites linguísticos como transgressão das normas e regras de uma língua. De acordo com Audehm e Velten (2007) as normas linguísticas podem ser excedidas no uso da língua. Se uma superação de normas linguísticas é repetida e habitual em vários falantes, isto pode ter um efeito sobre o sistema de normas:

Cada repetição pode violar e transformar as regras do programa ou sistema. Estes processos repetitivos da transgressão e da diferenciação têm como atos criativos do uso da língua um efeito retroativo sobre o programa

³ „Kulturelle Grenzen sind demnach nicht nur feste Strukturen und scheiden Innen von Außen, das Eigene und das Fremde, sie sind durchlässig und überschreitbar, mehr noch, sie tragen ihre Überschreitung bereits in sich (Foucault). Grenzen separieren, während sie gleichzeitig auch verbinden können. Sie beharren auf Reinheit, Identifizierbarkeit, Differenz, doch sie ermöglichen Vermischung, Kontamination, Kreolisierung.“

que em consequência irá ser gradualmente mudado e diacronicamente reorganizado. (AUDEHM; VELTEN, 2007, p. 13, tradução nossa)⁴

Em consequência, a transgressão dos limites linguísticos - as normas, princípios e regras de uma língua - pode desencadear uma mudança de linguagem (GEHWEILER, 2007; KÖNIG, 2007). Como resultado da transgressão das normas linguísticas podem surgir as novas formas linguísticas, que têm a princípio um estado instável, que, no entanto, pode ser fixado por um uso cada vez mais frequente dos vários falantes (AUDEHM/VELTEN, 2007, p. 28).

2.3. Formação das zonas fronteiriças

Processos de transgressão podem levar ao deslocamento e mesmo à dissolução dos limites. Se as normas existentes serão revogadas pela transgressão e pela violação do limite, ao longo dos limites, novos espaços intermediários podem ser estabelecidos. Tais espaços de limite representam a terceira manifestação de limites e podem ser ilustrados como uma bainha. Estas zonas de transição com limites abertos e desfocados são chamadas na literatura das ciências culturais “marge/margin” (JUNGBLITH, 2012, p. 45) ou “fronteira de terceiro grau” (GIRTNER 2006, p. 26). Tais zonas intermediárias são caracterizadas pela mistura e fusão.

Audehm e Velten notam que hibridações são primordialmente produzidas através de transgressões de limites: “As hibridações e misturas são produzidas pelas passagens dos limites.” (AUDEHM/VELTEN, 2007, p. 17, tradução nossa).⁵ As transgressões dos limites podem, assim, levar à dissolução dos limites e ao surgimento de espaços intermediários ambivalentes. Nestas zonas fronteiriças, novas formas e estruturas podem surgir como resultado da suspensão e da mistura das regras.

Além disso, Audehm e Velten (2007) enfatizam que, em zonas de limite estabelecidas por transgressões podem manifestar-se processos de hibridação: “transgressões fazem demarcações visíveis; mas eles também podem mover esses limites; elas levam ao desenvolvimento de espaços fronteiriços ambivalentes, onde hibridações são possíveis” (AUDEHM;

⁴ „Jede Wiederholung kann die Regeln des Programms oder Systems überschreiten und transformieren. Diese wiederholten Prozesse der Transgression und Differenzierung haben als kreative Akte des Gebrauchs Rückwirkungen auf das Programm, das allmählich verändert und diachron reorganisiert wird“

⁵ „Hybridisierungen und Vermischungen werden durch Grenzüberschreitungen allererst hervorgebracht.“

⁶ „Transgressionen machen Grenzziehungen sichtbar und erfahrbar; sie können jene Grenzen aber auch verschieben und ‘umfrisieren’; sie erzeugen ambivalente Schwellenräume, in denen Hybridisierungen möglich werden.“

⁷ „Hybridisierungen sind, bezogen auf kulturelle Praktiken und Repräsentationen, in Zwischenräumen hergestellte innovative und kreative Prozesse, in denen Heterogenes verbunden und vermischt und damit unbestimmt und ambivalent gemacht wird.“

⁸ „In einer Zeit der permanenten Veränderung und Verschiebung ökonomischer, kultureller und symbolischer Grenzen hat sich das Trennende bzw. Eingrenzende von Grenzen scheinbar aufgelöst; sie scheinen latent zu werden. Anstatt auf diese Latenz der Grenze zu starren und Verschiebungen, Verwerfungen, Erweiterungen oder Verschmelzungen zu registrieren, scheint in den Kulturwissenschaften ein neuer Umgang mit Grenzen Einzug gehalten zu haben: [...] In den Blickpunkt geraten damit Phänomene der Grenzüberschreitung, der Grenzgänge (sowohl kreuzend, als auch im Sinne eines Bewegens auf der Grenze). Sichtbar werden die alltäglichen, die theoretischen und literarischen Transgressionen. Betont werden etwa die Figur des Dritten (Bauman 1992) oder der Zwischenraum (Bhabha 1995a, 1995b). Bezeichnungen wie ‘Transdifferenz’ oder ‘Transdisziplinarität’ verweisen auf die Absicht, gezogene und etablierte Grenzen zu überschreiten.“

VELTEN, 2007, p. 11, tradução nossa).⁶ Por hibridação, os autores entendem a combinação dos elementos de dois sistemas/ordens, que levam ao surgimento de algo novo, que ainda não é estável, distinguido por heterogeneidade e um estado de transição e emergência. Assim, trata-se da oposição de algo homogêneo, de uma “estratégia de fazer ambíguo” (“Strategie des Mehrdeutig-Machens”, AUDEHM e VELTEN, 2007, p. 33). Audehm e Velten (2007) definem hibridações da seguinte forma: “hibridações são os processos inovadores e criativos surgidos em espaços intermediários, nos quais as partes heterogêneas são conectadas e misturadas, para estabelecer algo indefinido e ambivalente” (AUDEHM; VELTEN, 2007 p. 33, tradução nossa).⁷

A partir dos anos 80/90 do século XX pode ser observada uma mudança de paradigma nos estudos culturais: a natureza divisiva e excludente dos limites e os processos de demarcação, exclusão e delimitação já não são o foco, mas a “esfera produtiva dos contatos entre as culturas” (BACHMANN-MEDICK, 1998, p. 20) e os processos de transgressão, deslocamento e dissolução dos limites ganham cada vez mais importância. Zonas de contato cultural e processos de mistura representam conceitos centrais, dentro da discussão, no âmbito das ciências sociais sobre a transculturalidade (ERFURT, 2005, p. 26). Esta mudança de paradigma – o *Postcolonial Turn* e *Spatial Turn* – desempenha um papel crucial no tratamento do conceito de limite de uma nova perspectiva. Weyand, Sabald e Popp (2006) descrevem essa nova abordagem do conceito do limite dentro dos estudos culturais em sua introdução à antologia *GrenzGänge – BorderCrossings. Kulturtheoretische Perspektiven* da seguinte forma:

Num tempo de mudança constante e deslocamento das fronteiras econômicas, culturais e simbólicas, o caráter separativo dos limites aparentemente se dissolveu; eles parecem tornar-se latentes. Em vez de fixar essa latência do limite e registrar deslocamentos, distorções, expansões ou fusões, parece que nas ciências culturais aconteceu um novo trato com limites. Com isso os fenômenos de transgressão e as passagens dos limites entram em foco. A ênfase cai sobre a figura do terceiro (Bauman 1992) ou sobre o espaço intermediário (Bhabha, 1995a, 1995b). Termos, como transdiferença e transdisciplinaridade, referem-se à intenção de exceder os limites desenhados e estabelecidos. (WEYAND; SABALD; POPP, 2006, p. 11, tradução nossa).⁸

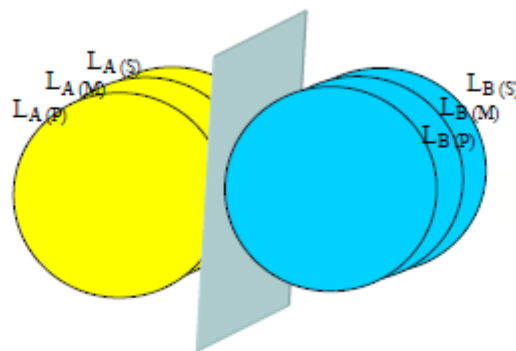
3. O limite e a linguística: uma proposta de uma abordagem interdisciplinar

A partir das três dimensões do limite discutidas acima – a diferenciação, a transgressão e o estabelecimento de zonas fronteiriças – serão apresentadas em seguida três qualidades de limite – a durabilidade, permeabilidade e liminalidade. Essas três qualidades de limite fornecem a base terminológica para a análise dos dados alemão-poloneses no capítulo 4.

Os conceitos de durabilidade, permeabilidade e liminalidade serão ilustrados por gráficos esquemáticos. Os três círculos nos gráficos seguintes representam três níveis de análise dos dados de corpus: o nível fonético (P), morfológico (M) e sintático (S).

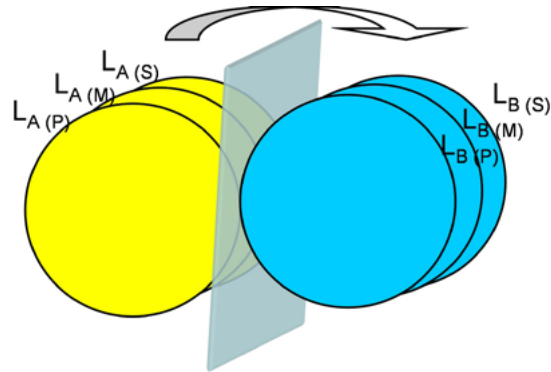
A **durabilidade** refere-se à dureza e à densidade dos limites. Limites linguísticos duráveis são claramente identificáveis: o ponto de alternância da língua pode ser inequivocadamente determinado, separando evidentemente dois sistemas linguísticos (LA e LB) entre si. Limites linguísticos duráveis formam assim uma barreira impermeável entre os idiomas, que pode ser figurativamente descrita como uma represa. Em casos de alternância da língua, com um caráter durável do limite linguístico, não ocorre nenhuma interferência fonética, morfológica ou sintática entre as línguas envolvidas. Além disso, a transição para a outra língua é muitas vezes antecipada por um “flagging” (como por exemplo, uma pausa, interjeições, comentários metalinguísticos, riso, etc., cf. SANKOFF e POPLACK, 1988).

Gráfico 1. Durabilidade dos limites linguísticos



A **permeabilidade** refere-se à transpassabilidade do limite e à sua qualidade de conectar os sistemas adjacentes e de transmitir entre eles. Um limite permeável representa, assim, um lugar da abertura, transição, interação e da reciprocidade. Limites linguísticos permeáveis ainda podem ser inequivocadamente determinados – o lugar da alternância da língua pode ser claramente distinguido –, mas eles não são densos e impenetráveis. Em vez disso, eles formam uma soleira permeável ou uma membrana, que permite a influência entre dois sistemas linguísticos e a produção de relações gramaticais – como, por exemplo, a congruência ou coesão – entre as línguas envolvidas. As características gramaticais, assim, são transmitidas através do limite linguístico.

Gráfico 2. Permeabilidade dos limites linguísticos



O conceito da **liminalidade** provém de Turner (1969) e reflete a ideia de que os limites não são simplesmente linhas, mas constituem zonas de limiar. Estas zonas de limiar podem ser consideradas como espaços de transição e/ou de sobreposição, com limites abertos e indefinidos. Essas áreas são consideradas zonas cinzentas (“grey areas”, CLYNE 2000, p. 273; McCORMICK, 2002) e podem ser entendidas de acordo com Bhabha (2000) como “terceiros espaços” (“third spaces”) e “espaços intermediários” (“in-between spaces”). Em tais zonas se realizam as transições de um sistema para outro. Elas, portanto, se caracterizam por uma mudança, transformação e inovação.

Os espaços intermediários podem surgir também no limiar entre duas línguas em contato e formar “novos espaços

de multilinguismo” (ERFURT, 2003, p. 6) ou “terceiros espaços da linguagem” (GUGENBERGER, 2005, p. 358).

Nestes espaços liminales – como eu vou chamá-los com base no conceito da liminalidade, podem surgir formas linguísticas híbridas, como um resultado da combinação, sobreposição e fusão das estruturas gramaticais das línguas envolvidas no contato.

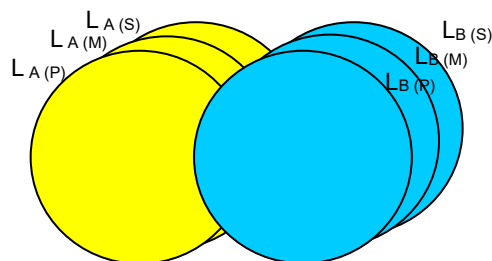
Tais formas liminales resultam algumas vezes também da convergência das estruturas linguísticas das línguas envolvidas:

In particular, prolonged interaction between languages, given the right social conditions, may lead to a greater or lesser degree of language convergence. Furthermore, if circumstances are conducive to it, the grammatical norms of the ‘switched’ code may converge on a new, mixed or ‘hybrid’ set of norms. (SEBBA, 2009, p. 52).

Devido às formas liminales muitas vezes apresentarem simultaneamente relações com ambas as línguas envolvidas, nem sempre está claro onde exatamente está o limite linguístico. Assim, ao contrário do que acontece com limites duráveis e permeáveis, o lugar da alternância da língua muitas vezes não pode ser claramente identificado. Por causa da copresença das características de ambas as línguas envolvidas, a classificação e designação dos elementos linguísticos a uma ou a outra língua é, portanto, problemática.

Devido à sobreposição e à fusão das estruturas linguísticas, as fronteiras linguísticas ficam anuviadas. Elas se convertem em espaços prolongados de transição e de sobreposição, em que podem surgir inovações linguísticas e formas sincréticas.

Gráfico 3. Liminalidade dos limites linguísticos



Finalmente, é necessário notar que as três dimensões da fronteira – a durabilidade, a permeabilidade e a liminalidade, devem ser consideradas como partes de um contínuo com “fuzzy boundaries” (LAKOFF, 1987). Como será mostrado na análise dos dados alemão-poloneses, alguns exemplos serão classificados em níveis intermediários, porque uma clara atribuição a uma das três dimensões nem sempre é possível.

4. Análise

O fragmento abaixo provém de uma gravação com uma estudante da Viadrina, na qual a falante descreve o procedimento de registro da tese. A falante alterna várias vezes entre o polonês e o alemão em diferentes lugares estruturais. Como vamos ver durante a análise, as formas de alternância de códigos linguísticos formam um contínuo desde uma alternância entre as línguas, sem nenhuma influência recíproca (caráter durável dos limites linguísticos), passando por formas caracterizadas por transgressão dos aspectos gramaticais (caráter permeável dos limites linguísticos) até a sobreposição das estruturas linguísticas e a emergência das novas formas sincréticas (caráter liminal dos limites linguísticos).

Exemplo 1. Registro da tese

[1]

K.EUV.10	Idzie-sz do	<i>Prüfungsamt</i> -u	musi-sz się	<i>zameld-ować</i>
[tradução morfema por morfema]	ir-PRS.2SG a	instituto da examinação- GEN.SG.M	ter-PRS.2SG se	registrar-INF
[tradução livre]	Você vai para o instituto da examinação, você tem que registrar-se			
[fonética]		[ˈprɪfɪŋsamtʰ]		[ˈzamɛldɔvate]
[fonética (segundo a norma alemã)]		[ˈprɪ:foŋsamt]		[ˈanmɛldn]
[prosódia]		-		-
[morfologia]		Prüfungsamt- GEN.SG.M		anmelden-INF
[sintaxe]	[PP[APPR: do][NP[NN: Prüfungsamt]]]		[S [NP[APPR: (ty)]] [VP[VMFIN: musisz] [VP [PRF: sie] [VVINF: zameldowac]]]	
[carácter do limite linguístico]		P/L		L

[2]

K.EUV.10	ze swoi-mi	<i>Schein-ami</i>	• yyy w	<i>Immatrulationsamci-e</i>
[tradução morfema por morfema]	com seu-INSTR.PL	certificado-INSTR.PL	• hem em	instituto da matrícula-LOC.SG.M
[tradução livre]	com seus certificados no instituto da matrícula			
[fonética]		[ʃaɪnami]		[imatrikula'tsionsamteɛ]
[fonética (segundo a norma alemã)]		[ʃaɪn]		[imatrikula'tsjo:nsamt]
[prosódia]		-		-
[morfologia]		Schein-INSTR.PL		Immatrulationsam(t)-LOC.SG.M
[sintaxe]	[PP[APPR: ze][NP[PPOSAT: swoimi][NN: Scheinami]]]		[PP[APPR: w][NP[NN: Immatrulationsamcie]]]	
[carácter do limite linguístico]		P		L

[3]

K.EUV.10	((1s)) yyy nie wie-m • musi-sz iść do bibliotek-i • żeby • sprawdzi-ć, czy • nie
[tradução morfema por morfema]	Hem... não saber-PRS.1SG dever-PRS.2SG ir.INF a biblioteca-GEN.SG.F para verificar-INF se não
[tradução livre]	hem... eu não sei, você tem que ir à biblioteca, para verificar, se você

[4]

K.EUV.10	ma-sz jak-ieś yyy •	ausstehende Gebühren
[tradução morfema por morfema]	ter-PRS.2SG algun-AKK.PL	devido a taxas.
[tradução livre]	tem algumas hem... taxas necessárias	
[fonética]		[ˈaʊs ˌʃte:əndə ɡəˈby:rən]
[fonética (segundo a norma alemã)]		[ˈaʊs ˌʃte:əndə ɡəˈby:rən]
[prosódia]		interjeição, pausa
[morfologia]		embedded language island
[sintaxe]	[VP[PTKNEG: nie][VAFIN: masz][NP[PIAT: jakies][ADJA: ausstehende][NN: Gebühren]]]	
[carácter do limite linguístico]		P

[5]

K.EUV.10	• Musi-sz jecha-ć na przykład na/do	Sprachenz/centrum	żeby też
[tradução morfema por morfema]	dever-PRS.2SG ir-INF por exemplo[NOM.SG] a/para	central das línguas estrangeiras	para também
[tradução livre]	Você tem que ir por exemplo à central das línguas estrangeiras, para também		
[fonética]		[ˈʃpra:χənˈtsentru/um]	
[fonética (segundo a norma alemã)]		[ˈʃpra:χənˈtsentrom]	
[prosódia]		-	
[morfologia]		morfema zero	
[sintaxe]	[PP[APPR: do]][NP[NN: Sprachenzentrum]]		
[carácter do limite linguístico]		L	L

[6]

K.EUV.10	odebra-ć wszystk-ie •	Schein-y	język-owe yyy
[tradução morfema por morfema]	ir buscar-INF todo-AKK.PL	certificado-AKK.PL	língua-ADJVR.AKK.PL
[tradução livre]	ir buscar todos os certificados das aulas da língua estrangeira		
[fonética]		[ˈʃaj̃ni]	
[fonética (segundo a norma alemã)]		[ˈʃaj̃n]	
[prosódia]		pausa	
[morfologia]		Schein-AKK.PL	
[sintaxe]	[NP[ADJA: zalegle]][NN: Scheiny]]		
[carácter do limite linguístico]		P	

[...]

[9]

K.EUV.10	Bym to w ten sposób opisa-ła • •	Schritt	po	Schrici-e
[tradução morfema por morfema]	PTK isto em este.AKK.SG.M maneira descrever-PST.1SG.F	passo	a	passo-LOC.SG.M
[tradução livre]	Eu descreveria isso passo a passo desta maneira			
[fonética]		[[rit]		[[riteɛ]
[fonética (segundo a norma alemã)]		[[rit]		[[rit]
[prosódia]		pausa		-
[morfologia]		morfema zero [NOM.SG]		Schri(tt)-LOC.SG.M
[sintaxe]	[NP[NN: Schritt]][PP[APPR: po]][NP[NN: Schricie]]			
[caráter do limite linguístico]		D		L

4.1. Durabilidade

Um caráter durável dos limites linguísticos pode ser identificado no fragmento acima num ponto sintático, ou seja, num ponto de alteração do idioma entre o verbo *opisała* e o substantivo *Schritt* (linha 9).

O limite linguístico é aqui claramente identificável: a língua polonesa e a língua alemã são claramente separadas e o ponto de alternância do idioma é fácil de identificar. A alternância da língua é acompanhada por uma breve pausa, que anuncia e marca a alternância da língua.

Além disso, entre o substantivo *Schritt* e os elementos lexicais poloneses antecidos não podemos observar nenhuma relação gramatical, que poderia ser estabelecida, por exemplo, através de concordância. Portanto, além do limite linguístico não são transferidas quaisquer características gramaticais. Como pode ser visto a partir das linhas de anotação fonética do transcrito, também não ocorre nenhuma interferência fonética. Assim, observamos apenas uma justaposição de componentes linguísticos, que podem ser facilmente atribuídos a um ou a outro idioma.

Como mostrado no quadro abaixo, no lugar da alternância da língua acontece uma coincidência da fronteira fonética e sintática. O ponto da alternância da língua é assim duplamente marcado:

w ten sposób opisala [_{S(NP)}][_P Schritt]]

A clara identificação do ponto da alternância da língua, a marca da transição para a língua alemã por uma pausa, bem como a ausência de uma transferência de características gramaticais além do limite linguístico indicam o caráter durável do analisado ponto de alternância das línguas.

4.2. Permeabilidade

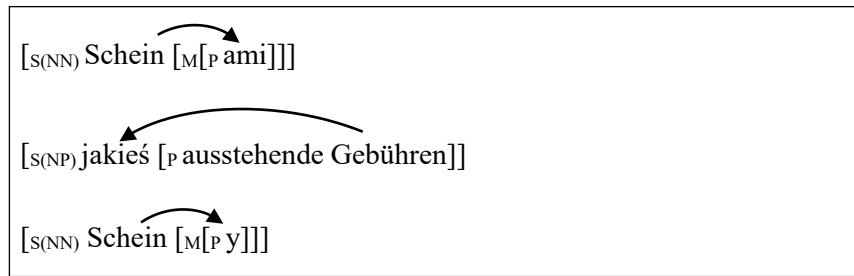
Um caráter permeável dos limites linguísticos pode ser identificado nos seguintes pontos sintáticos:

- entre o substantivo *Schein* e a terminação morfológica *-ami* (linha 2)
- entre o substantivo *Schein* e a terminação morfológica *-y* (linha 6)
- entre o pronome indefinido *jakieś* e a frase *ausstehende Gebühren* (linha 4)

Em todas as alternâncias supracitadas elementos lexicais alemães são incorporados na morfossintaxe da língua polonesa. A integração é realizada no caso do substantivo *Schein* por uma adaptação morfológica e, no caso da frase *ausstehende Gebühren* pela produção de concordância entre a frase alemã e o determinante polonês *jakieś*. O limite linguístico abre-se, assim, para a integração do material lexical alemão. Na terminologia de Myers-Scotton (1993) a língua polonesa atua como a “Matrix Language” que fornece a estrutura morfossintática, na qual os elementos da “Embedded Language” – neste caso alemão – são incorporados e integrados.

Ao contrário do exemplo com o caráter durável, as alterações de idioma não ocorrem entre dois constituintes sintáticos, mas dentro de uma unidade sintática. Nos pontos

da alternância da língua não há nenhuma coincidência da fronteira fonética e sintática:



A incorporação dos elementos lexicais alemães na morfossintaxe da língua polonesa, bem como a transmissão das características gramaticais necessárias para a integração morfológica e a formação de congruência além da fronteira fonética indicam a abertura e a transgressão dos limites linguísticos. Os limites linguísticos, assim, têm um caráter permeável: eles agem como membranas permeáveis que possibilitam o encadeamento dos elementos lexicais alemães com a morfologia polonesa.

4.3. Permeabilidade/Liminalidade

O substantivo *Prüfungsamt* (linha 1) pode ser considerado como um caso limítrofe entre a permeabilidade e a liminalidade. Aqui ocorre não só a integração morfológica, mas também a alteração de uma vogal na raiz do substantivo. O som “ü” [y] – que não aparece no inventário de vogais da língua polonesa – é submetido às regras fonéticas do idioma polonês: Ele é substituído pelo equivalente fonético mais próximo na língua polonesa e é realizado como [i]. Assim, a influência da língua polonesa não termina na fronteira do morfema, e sim a excede: dentro da raiz do substantivo alemão acontece uma interferência fonética. Consequentemente, a fronteira fonética não pode ser determinada com clareza. Essa ambiguidade na demarcação da fronteira fonética é uma indicação para a consideração desse exemplo como caso limítrofe entre a permeabilidade e liminalidade.



4.4. Liminalidade

Um caráter liminal de limites linguísticos pode ser observado nos seguintes pontos sintáticos:

- entre o nome *Sprachenz/centrum* e a frase *żeby odebrać* (...) (linha 5)
- entre *musisz się* e *zameldować* (linha 1)
- entre o nome *Immatrikulationsamt*(t) e a terminação morfológica *-e* (linha 2)
- entre o nome *Sprachen* e o nome *Z/cetrum* (linha 5)
- entre o nome *Schri(tt)* e a terminação morfológica *-e* (linha 9)

Os exemplos acima mencionados têm em comum que o limite linguístico se manifesta como uma bainha de limite mais ou menos extensa – como uma zona de sobreposição e de transição, que simultaneamente mostra as características de ambos os idiomas:

Musisz [S(VP) się zameldować]

[S(PP) w [S(NP)[P? Immatrikulationsamt [P? ci[M e]]]]]

[S(NP) Sprachen [P? Z/centrum]] [P?[S żeby odebrać wszystkie zaległe]]

[S(NP)[P Schri [P ci[M e]]]]

No primeiro exemplo, o verbo polonês *zameldować* – que é usado principalmente no contexto de um pedido de estadia na uma autoridade administrativa – recebe um significado semântico adicional da língua alemã, ou seja “anunciar” no sentido, por exemplo, de registrar/anunciar sua visita (Duden online). Assim, aqui realiza-se uma extensão semântica do verbo polonês *zameldować*. Portanto, as características de ambas as línguas envolvidas podem ser observadas sob a superfície polonesa. O significado semântico vem da língua alemã, mas é expressado por material morfológico e fonético da língua polonesa. O limite linguístico se transforma, portanto, numa zona de sobreposição, que é caracterizada pela copresença de características linguísticas de ambos os idiomas.

A liminalidade mostra-se ainda mais pela alteração da forma primitiva dos nomes alemães: o som final *-t* dos substantivos alemães *Immatrikulationsamt* e *Schritt* é suavizado

para *-ci*. Além disso, o morfema de caso *-e* da língua polonesa é adicionado ao nome alemão. Portanto, a influência da língua polonesa não termina no limite do morfema, mas a excede e causa uma mudança na forma do lema dos substantivos alemães. Ao contrário dos exemplos com um caráter permeável, nesse caso não ocorre apenas uma adição da terminação morfológica polonesa à raiz da palavra alemã, mas há também uma intervenção na estrutura morfológica dos substantivos alemães: o som final dos substantivos alemães é suavizado e forma, em conjunto com o morfema flexivo, a sílaba *-cie*.

Analisando o nome *Immatrikulationsamcie* podemos observar uma interferência fonética: a vogal longa [o:] é realizada pela locutora como [ɔ] e a segunda vogal *i* [i] é substituída por [i̯]. Devido à interferência fonética, a determinação do limite fonético não é clara. A ambiguidade do limite fonético é adicionalmente reforçada pelo fato de o equivalente do substantivo *Immatrikulation* ter em polonês uma estrutura fonética semelhante: *immatrykulacja* [immatrikulatsja].

Finalmente, o caráter liminal dos limites linguísticos é indicado pela ocorrência de diamorfo homofônico (CLYNE, 1967): *Z/centrum* no substantivo *Sprachenz/centrum*. Neste exemplo o lugar de alternância da língua é ambíguo, porque esse substantivo é composto pelo substantivo alemão *Sprachen* e pelo diamorfo homofônico *Z/centrum* que pertence tanto ao vocabulário da língua alemã (*Zentrum*) como ao da língua polonesa (*centrum*). Portanto, não é claro se o substantivo *Sprachenz/centrum* é completamente um substantivo alemão (*Sprachenzentrum*) ou é composto de um substantivo alemão e de um substantivo polonês (*Sprachencentrum*). O substantivo *Z/centrum* indica, assim, simultaneamente as relações com ambas as línguas e poderia ser caracterizado sendo tanto alemão como polonês. Através da ambiguidade e homofonia da última parte da palavra composta *Sprachenz/centrum* o limite de frase é também afetado. Se a última parte derivasse do alemão, a alternância da língua ocorreria entre o nome *Sprachenzentrum* e a sentença polonesa *żeby odebrać (...)*. Como o último membro do substantivo *Sprachenzentrum* é um diamorfo homófono, o lugar da alternância da língua não pode ser claramente definido no limite da frase. O lugar da alternância da língua assim forma um amplo espaço homófono de sobreposição, que pode ser caracterizado como sendo liminal.

5. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi fornecer uma visão sobre o contato linguístico alemão-polonês e propor uma abordagem para a ilustração e a explicação dos processos da abertura, da transgressão e dissolução dos limites linguísticos.

A análise dos dados revela que um limite linguístico com caráter durável se caracteriza pela ausência de transferência das características fonéticas e morfológicas entre duas línguas em contato. Os processos da transgressão do limite estão ligados à permeabilidade do limite linguístico que permite influência recíproca entre duas línguas em contato. Na análise, observamos a abertura do limite da palavra para a integração do morfema. O limite linguístico constitui um limiar penetrável que permite a integração morfológica ou concordância nominal. Por último, a resolução do limite linguístico podia ser observada no surgimento de espaços da transição e da sobreposição, permitindo a formação de formas mistas liminales, caracterizadas pela ambiguidade e fusão. A dissolução dos limites linguísticos se manifestou na homofonia e interferência grave nas estruturas linguísticas, como, por exemplo, a alternância de lemas ou alternância fonética.

A análise dos dados germano-poloneses provou-se de grande interesse para o estudo dos limites linguísticos. Como vimos durante a análise dos dados, o limite linguístico desse par de línguas germano-eslavas – que parece ser relativamente durável por causa das diferenças fonéticas, morfológicas e sintáticas – provou ser bastante permeável ou até mesmo foi dissolvido nos exemplos de um grau mais alto da mistura das línguas.

A análise dos dados apresentados mostra que a teoria da fronteira pode ser especialmente proveitosa e enriquecedora para discussão dos fenômenos de mistura de idiomas. Esta abordagem dá uma oportunidade inovadora para reunir os aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos, que até agora raramente têm sido integrados numa abordagem da análise. Além disso, a abordagem fornece um quadro para análise das formas de alternância de códigos linguísticos num contínuo desde uma alternância entre as línguas, sem nenhuma influência recíproca, passando por formas caracterizadas por transgressão

dos aspetos gramaticais até a sobreposição das estruturas linguísticas e a emergência das novas formas sincréticas.

REFERÊNCIAS

- AUDEHM, Katrin; VELTEN, Hans Rudolf. Einleitung. In: AUDEHM, Katrin; VELTEN, Hans Rudolf (eds.): *Transgression, Hybridisierung, Differenzierung, Zur Performativität von Grenzen in Sprache, Kultur und Gesellschaft*. Rombach: Freiburg, 2007. p. 9-40.
- BACHMANN-MEDICK, Doris. Dritter Raum. Annäherungen an ein Medium kultureller Übersetzung und Kartierung. In: BREGER, Claudia; DÖRING, Tobias (eds.): *Figuren der/des Dritten. Erkundungen kultureller Zwischenräume*. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 1998. p. 19-36.
- BHABHA, Homi. *Die Verortung der Kultur*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Die verborgenen Mechanismen der Macht*. Hamburg: VSA Verlag, 1992.
- CLYNE, Michael. *Transference and Triggering: observations on the language assimilation of postwar German-speaking migrants in Australia*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1967.
- CLYNE, Michael. Constraints on code switching: how universal are they? In: Wei, Li (eds.): *The bilingualism reader*. London: Routledge, 2000. p. 257-280.
- CUNHA, Conceição et al. Einführung. In: _____ (eds.): *Über Grenzen sprechen. Mehrsprachigkeit in Europa und der Welt*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2012. p. 13-15.
- DOUGLAS, Mary. *Reinheit und Gefährdung: eine Studie zu Vorstellungen von Verunreinigung und Tabu*. Berlin: Reimer, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *Die elementaren Formen des religiösen Lebens*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1981.
- ERFURT, Jürgen. 'Multisprech': Migration und Hybridisierung und ihre Folgen für die Sprachwissenschaft. In: _____ (eds.): *"Multisprech": Hybridität, Variation. Identität*. [Reihe: Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie, Bd. 65]. Duisburg: Gilles & Francke, 2003. p. 5 - 33.

ERFURT, Jürgen. de même I hope j'te bother pas“: Transkulturalität und Hybridität in der Frankophonie. In: _____ (eds.): *Transkulturalität und Hybridität. L'espace francophone als Grenzerfahrung des Sprechens und Schreibens*. Frankfurt/M: Peter Lang, 2005. p. 9 – 36.

FOUCAULT, Michel. Vorrede zur Überschreitung. In: _____. *Schriften in vier Bänden. Dits et Ecrits. Band IV: 1980-1988*. Frankfurt a.M: Suhrkamp, [1963]2001.

GEHWEILER, Elke. Differenzierung als Ergebnis von Transgression und Mehrdeutigkeit. In: AUDEHM, Kathrin; VELTEN, Hans R. (eds.): *Transgression, Hybridisierung, Differenzierung*. Freiburg, Berlin: Rombach, 2007. p. 63-94.

GIRTLE, Roland: *Abenteuer Grenze. Von Schmugglern und Schmugglerinnen, Ritualen und "heiligen" Räumen*. Wien: Lit-Verlag, 2006.

GOGOLIN, Ingrid. Sprachen rein halten – eine Obsession. In: GOGOLIN, Ingrid; LIST, Günther; GRAAP, Sabine (eds.): *Über Mehrsprachigkeit*. Tübingen: Stauffenburg-Verlag, 1998. p. 71 – 96.

GUGENBERGER, Eva. Der dritte Raum in der Sprache. Sprachliche Hybridisierung am Beispiel galicischer Migrant/inn/en in Buenos Aires. In: CICHON, Peter et al. (Hrsg.): *Entgrenzungen. Für eine Soziologie der Kommunikation*. Wien: Praesens, 2005. p. 354-376.

HINNENKAMP, Volker; MENG, Katharina. Sprachgrenzen überspringen. Sprachliche Hybridität und polykulturelles Selbstverständnis: Einleitung. In: _____ (eds.): *Sprachgrenzen überspringen. Sprachliche Hybridität und polykulturelles Selbstverständnis*. Tübingen: Narr, 2005. p. 8-16.

JUNGBLUTH, Konstanze. Aus zwei mach eins: Switching, mixing, getting different. In: JAŃCZAK, Barbara; JUNGBLUTH, Konstanze; WEYDT, Harald (eds.): *Mehrsprachigkeit aus deutscher Perspektive* Tübingen: Narr, 2012. p. 45-72.

KIMURA, Goro Christoph. Strategie komunikacji językowej na polsko-niemieckim pograniczu. In: KOUTNY, Ilona; NOWAK, Piotr (eds.): *Język. Komunikacja. Informacja. Language. Communication. Information*, 8/2013: 109-124, Poznań, 2013.

KLEINSCHMIDT, Christoph. Einleitung: Formen und Funktionen von Grenzen: Anstöße zu einer interdisziplinären Grenzforschung. In: KLEINSCHMIDT, Christoph; HEWEL, Christine (eds.): *Topographien der Grenze: Verortungen einer kulturellen, politischen und ästhetischen Kategorie*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2011. p. 9-21.

KÖNIG, Ekkehard. Struktur, Differenz(ierung) und Transgression in der Genese und Entwicklung von Grammatik. In: AUDEHM, Kathrin; VELTEN, Hans, R. (eds.): *Transgression, Hybridisierung, Differenzierung*. Freiburg, Berlin: Rombach, 2007. p. 43-61.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAMPING, Dieter: *Über Grenzen - Eine literarische Topographie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001.

MCCORMICK, Kay: *Language in Cape Town's District Six*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MUYSKEN, Pieter. Two linguistic systems in contact. In: BHATIA, Tei K; RITCHIE, William C. (eds.): *The Handbook of Bilingualism*. Blackwell: Oxford, 2013. p. 193-215.

MYERS-SCOTTON, Carol. *Duelling languages: Grammatical structure in code-switching*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

RAMPTON, Ben. *Crossing. Language and ethnicity among adolescents*. London: Longman, 1995.

SANKOFF, David; POPLACK, Shana. Code-switching. In: AMMON, Ulrich et al. (eds.): *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society, vol. 2*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. p. 1174-1180.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft*. Berlin, New York: de Gruyter, 1967.

SEBBA, Mark. *On the notions of congruence and convergence in code-switching*. In: BULLOCK, Barbara; TORIBIO, Almeida Jacqueline (eds.): *The Cambridge Handbook of Linguistic Code-Switching*. Cambridge University Press, Cambridge, 2009. p. 40-57.

TURNER, Victor: *The Ritual Process. Structure and Anti-Structure*. Chicago: Aldine Pub. Co, 1969.

WEYAND, Jan; SEBALD, Gerd ; POPP, Michael (eds.). *GrenzGänge -BorderCrossings. Kulturtheoretische Perspektiven*. Münster: LIT, 2006.

Abstract

German-Polish language contact. An approach of application of the concept of border into linguistic analysis.

The aim of this paper is to deliver an insight into German-Polish language mixing in the German-Polish border region, and to propose an innovative framework that incorporates the theory of the border into linguistic analysis and illustrates and explains the language contact-induced processes of language border opening, crossing and blurring. Applying this approach on the German-Polish language data I aim to show how interdisciplinary theory on the characteristics of borders can be successfully combined with language analysis.

Keywords: *Language contact. Language border. German-Polish border region.*